



LIVRO I

# ARISTOCRATA

# *Seducitor*

## CONTENTS

Só um minutinho!

1. CAPÍTULO 1
2. CAPÍTULO 2
3. CAPÍTULO 3
4. CAPÍTULO 4
5. CAPÍTULO 5
6. CAPÍTULO 6
7. CAPÍTULO 7
8. CAPÍTULO 8
9. CAPÍTULO 9
10. CAPÍTULO 10
11. CAPÍTULO 11
12. CAPÍTULO 12
13. CAPÍTULO 13
14. CAPÍTULO 14
15. CAPÍTULO 15
16. CAPÍTULO 16
17. CAPÍTULO 17
18. CAPÍTULO 18
19. CAPÍTULO 19
20. CAPÍTULO 20
21. CAPÍTULO 21
22. CAPÍTULO 22
23. CAPÍTULO 23
24. CAPÍTULO 24
25. CAPÍTULO 25
26. CAPÍTULO 26
27. CAPÍTULO 27
28. CAPÍTULO 28
29. CAPÍTULO 29
30. CAPÍTULO 30
31. CAPÍTULO 31
32. CAPÍTULO 32
33. CAPÍTULO 33
34. CAPÍTULO 34
35. CAPÍTULO 35
36. CAPÍTULO 36

37. CAPÍTULO 37
38. CAPÍTULO 38
39. CAPÍTULO 39
40. CAPÍTULO 40
41. CAPÍTULO 41
42. CAPÍTULO 42
43. CAPÍTULO 43
44. CAPÍTULO 44
45. CAPÍTULO 45
46. CAPÍTULO 46
47. CAPÍTULO 47
48. CAPÍTULO 48
49. EPÍLOGO

Nota da Autora

Sobre a Autora

Degustação Aristocrata Proibida

## *O desejo dele é uma ordem.*

Viúvo há um ano, Theodoros é rei de um pequeno país no leste europeu. Enquanto sua mãe está obcecada em encontrar outra esposa para continuar a linhagem real, ele está mais interessado em curtir a vida. Num casamento, ele conhece Catarina, uma garçoneite órfã que sonha em ter sua própria joalheria.

Longe de ter uma vida de princesa, Catarina está mais para gata borralheira e jamais imaginaria que, ao se entregar a Theodoros por uma noite, iria engravidar e se tornar a peça mais importante do jogo político do reino.

Mas o casal terá mais problemas do que a rainha-mãe querendo impedir que a plebeia seja coroada rainha, pois um plano de vingança em andamento colocará em risco o trono e o herdeiro que Catarina carrega.

***Aristocrata Sedutor** é o primeiro volume da **Série Os Aristocratas**, um suspense romântico, recomendado para quem gosta de romances contemporâneos com mistérios, machos-alfa bilionários, heroínas fortes e histórias de amor!*



SÓ UM MINUTINHO!  
ANTES QUE VOCÊ VIRE A PÁGINA...



Você quer estar sempre informado sobre os meus próximos livros, promoções e brindes exclusivos?

Para estar sempre por dentro, junte-se à minha família VIP.

Visite [www.CrisSerruya.com.br](http://www.CrisSerruya.com.br) e se inscreva na minha newsletter. E o melhor de tudo, você ganha de presente um ebook e um audiobook.

Será um prazer ter a sua companhia.

Com carinho,

A handwritten signature in black ink that reads 'Cris'. To the right of the signature is a small, colorful illustration of a pink rose with green leaves and smaller flowers.

## CAPÍTULO 1



*Leste Europeu, Balcãs  
Reino de Tara Românesca, Tara  
Palácio Danesti*

*Terça-feira, 17 de fevereiro de 2015  
07:48*

O décimo-oitavo rei de Tara Românesca, Theodoros Ioannis Coburg-Danesti – e mais uns outros dez nomes do meio que nem ele mesmo se lembrava – já estava de banho tomado quando o seu camareiro bateu na porta e entrou nos Aposentos do Rei, carregando seu terno passado.

— Bom dia, Vossa Majestade. Está um dia lindo. — Georges colocou o terno na cama e estendeu a camisa imaculada para Theodoros.

Ao invés de dar um bom dia educado, ou pelo menos uma resposta adequada à alegre saudação de seu criado particular, Theodoros apenas resmungou. Seu mau humor o impedia de apreciar amenidades – ou mesmo o dia lindo lá fora. Mais ainda, Theodoros tinha certeza que hoje seria igual a todos os outros dias do último ano: sem qualquer encanto ou novidade.

Ao menos, na opinião dele.

Pela manhã, ele iria para o seu escritório no palácio, refletiria sobre os problemas do reino e os resolveria. Depois de um almoço solitário e rápido, ele iria para escritórios do Banco Real de Tara e ganharia alguns milhões para si e para seus clientes.

Como sempre.

*Estou cansado da minha vida perfeita.*

Ele zombou do pensamento, ciente de que tinha mais do que muitos. Além de ser muito bonito e saudável, ele era rico como Croesus e bem-sucedido como poucos eram.

Depois de verificar que o seu reflexo no espelho estava vestido impecavelmente, Theodoros caminhou pelo corredor, entre as paredes adornadas com retratos de seus antecessores – a extremamente orgulhosa realeza de Tara Romãnesca. Desde o primeiro Grão-Príncipe, que havia sido um general famoso, até seu próprio pai, um playboy boa-vida que não fizera nada de importante durante todo o seu reinado a não ser elevar seu título para Rei e que morrera relativamente cedo quando Theodoros ainda não tinha onze anos de idade, eles estavam todos ali pendurados.

Ao final da esplêndida escadaria do palácio imponente, Theodoros acenou com a cabeça para duas empregadas, dois lacaios e para seu mordomo, Josias Milor.

— Bom dia, Vossa Majestade.

Todas as manhãs, ele era recebido com o mesmo ritual e formalidade desfrutados desde que o primeiro Grão-Príncipe se estabelecera ali.

Entrou na sala de café-da-manhã onde, como sempre, os jornais diários do reino – além de um resumo de todos os acontecimentos mais importantes do mundo – o aguardavam na bandeja de prata perfeitamente colocada em uma pequena mesa ao lado de sua cadeira.

Um garçom silencioso serviu seu café-da-manhã prontamente.

Não havia necessidade de pedir nada.

Todas as suas vontades e desejos eram cuidadosamente antecipados por um time muito bem treinado, preparado para este



fim, e eles eram todos supervisionados por seu mordomo, que trabalhava para os Coburg-Danesti desde antes do nascimento de Theodoros. Das roupas de cama e banho bordadas com suas iniciais e trocadas toda semana até o terno feito sob medida, com a recém passada camisa de algodão egípcio monogramada. Sem falar na torrada francesa, ovos mexidos e café fumegante que eram servidos em total silêncio já que era sabido e notório que ele detestava conversas e barulho durante a manhã.

Dia após dia, tudo corria na mais perfeita paz no Palácio Dasneti.

E toda essa perfeição rotineira o entediava até a morte.

Seu mordomo se aproximou com um telefone em uma bandeja de prata e anunciou em voz baixa: — A rainha-mãe.

Com um suspiro resignado, Theodoros pegou o aparelho. — Bom dia, mãe.

Ele franziu o cenho quando Maressa Coburg-Danesti perguntou se lhe convinha almoçar com ela na Embaixada de Tara Românesca em Londres.

Como se ele pudesse cancelar sua aparição no Parlamento ou mesmo reagendar seus compromissos comerciais no banco para voar até Londres e almoçar de improviso com a mãe – e logo com quem! Revirando os olhos com o pedido absurdo, informou: — Sinto muito, não posso.

Enquanto ouvia a mãe divagando sobre as reuniões sociais e os amigos ingleses da realeza, ele revisou sua agenda do dia: primeiro faria o discurso para a cerimônia de abertura do Parlamento, antes do almoço visitaria o túmulo de sua falecida esposa, e depois teria as mesmas reuniões chatas, com os mesmos clientes.

Na verdade, ele iria à Londres, bem mais tarde, para assistir ao casamento de um primo distante e proeminente empresário de Tara Românesca – sem dúvida, outro casamento monótono, com as mesmas pessoas sem graça e o mesmo cardápio sem sabor – e a rainha-mãe sabia disso, pois constava de sua agenda pública.

Quando ela lhe pediu para ele passar para tomar um drink com ela antes do casamento à noite, Theodoros disse: — Passarei aí



rapidamente.

Não que quisesse passar um minuto com ela, mas, enfim, ela era sua mãe e um mínimo de convivência eles deveriam ter – para o bem do reino. A fossa que havia entre eles era tão grande que nada poderia suplantar o vazio deixado pela completa falta de amor maternal.

Ele terminou o telefonema, desejando poder jogar o aparelho na parede, mas suas boas maneiras não permitiam. Ao invés disso, ele apenas apertou o botão de desligar e o colocou na mesa.

*O que eu preciso é de um novo desafio.*

Surpreendentemente inteligente e talentoso no campo da gestão de ativos, na faculdade Theodoros fora classificado como um gênio na análise do mercado monetário mundial emergente e quando seu primo, Ivan Lieven-Danesti, o convidara para expandirem o banco que a família dele tinha há gerações, ele não titubeou.

Fazer malabarismo com números complexos de países politicamente conflituosos e em desenvolvimento lhe dava muito prazer e satisfação. Como um dos banqueiros de investimentos mais bem-sucedidos do mundo financeiro, sua experiência era muito procurada. E, como Tara Românesca era um país pequeno, ele equilibrava as duas coisas com bastante facilidade.

Quando ele provou do seu café e fez uma careta, seus olhos pousaram na parede esquerda, onde, entre outros, se encontrava um retrato de sua falecida esposa e prima, Irina von Lieven Coburg-Danesti.

O fato de sua mãe e de mais ninguém na família ter se lembrado de que hoje era o aniversário da morte de Irina o irritava profundamente.

O amor não havia sido o principal componente do casamento deles já que a tendência de colocar os sentimentos acima da razão não era uma das características mais marcantes da personalidade de Theodoros. Mas ele e Irina tinham sido bons e leais amigos – o que ele valorizava acima de tudo – e eles desfrutaram de uma coexistência pacífica, além de uma boa química na cama. Sua

morte trágica – um pescoço quebrado de uma queda a cavalo – tinha feito um estrago na sua rotina que só agora começava a se tecer lentamente de novo.

Theodoros dobrou o guardanapo e o colocou sobre a mesa, contemplando os vincos perfeitos, antes de se levantar e caminhar até a porta, que já estava sendo aberta por um lacaio.

No corredor, ele parou. — Josias, por favor, informe ao comandante Smith que irei mais cedo para Londres. Cinco horas, ao invés de seis.

— Claro, senhor.

*Sim, definitivamente preciso de um novo desafio.*



*Inglaterra, Grande Londres  
Casa de Kurt Addington*

08:47

— *F*eliz aniversário. — Kurt Addington puxou com força o lençol que cobria o carro e deu um passo para trás.

Boquiaberta, Catarina Stephen circulou o Freelanders usado que ela tinha visto em um leilão on-line há algumas semanas atrás e comentado com Kurt. Na época, seu melhor amigo e irmão adotivo dissera que era bobagem compra-lo, mesmo sabendo que ela precisava repor seu velho Fusquinha que tinha dado o último suspiro há dois meses atrás.

— Obrigada, amei! — Catarina jogou-se sobre ele em um abraço emocionado, que ele devolveu, envolvendo-a em um abraço de urso. Loiro, forte, e com mais de um metro e noventa, Kurt era facilmente uns vinte centímetros mais alto que ela.

— Não é nada, querida. Apenas roubei a sua própria ideia para



poder te dar um bom presente este ano — admitiu ele com um sorriso.

Ela deu um passo para trás, e voltou-se para admirar o carro novamente. — Para mim é muito. Amei mesmo.

— Que bom. E tem uma outra bobagenzinha dentro.

Ela abriu a porta do carro e se inclinou para dentro para pegar uma caixa que estava no banco do passageiro.

Pela tampa transparente, ela viu que era um bolo em formato de gatinha e escrito em glacê *Feliz Aniversário, Cat*, uma referência ao seu apelido em inglês que significava gata.

— Ah. Que fofo. Tenho certeza de que amarei cada mordida. — Ela sorriu e deu mais um abraço no irmão.

Emocionava Catarina que ele houvesse dedicado o seu tempo livre — e seu dinheiro, mesmo que ele não fosse pobre — para comprar aquele carro para ela.

Não é que o carro fosse essencial para percorrer as lojas de artesanato e as feiras do interior do país, onde ela vendia seus colares e pulseiras artesanais nos fins de semana, mas facilitava e muito carregar maior quantidade de mostruário e também as suas ferramentas.

Seu sonho era fabricar joias exclusivas e um dia ter uma pequena loja própria.

Ela se esforçava para pagar suas contas, ser independente e ainda guardar algum dinheiro, e mesmo que o trabalho pagasse bem, ela sabia que o sonho ainda estava longe de se concretizar, mais por causa da teimosia dela, do que pela falta de talento.

Quando terminara a Escola de Joalheria de Birmingham, ela tivera várias ofertas de emprego, mas nenhuma tentou sua veia altamente criativa. Então, Catarina voltara para a casa dos pais adotivos e começara a trabalhar o mais que podia para uma empresa de catering de luxo, economizando cada centavo, com grandes esperanças de um futuro melhor.

— Gostaria que pudéssemos sair e comemorar — disse Kurt.

— Eu também, mas não posso. Implorei por mais um turno extra. Não posso dizer que mudei de ideia agora. Além disso, acho



que eles me deixaram fazer essas horas extras como presente de aniversário.

— Eu sei. — Kurt beijou sua bochecha. — Vou levar seu bolo para dentro e esperar que você volte para casa antes de roubar uma fatia. Agora vá, ou você vai se atrasar, querida. E vê se encontra um jovem simpático, rico e solteiro hoje à noite, hein?

Catarina riu e balançou a cabeça para ele.

Durante os meros sete anos em que morou com a mãe, Catarina testemunhou os muitos relacionamentos voláteis dela com uma longa lista de homens de todos os tipos. Na verdade, era mais sexo casual que relacionamentos. Felizmente, os homens a ignoravam, mas o fato de que quando eles estavam por perto fazia com que sua mãe não se lembrasse mais de sua existência havia deixado uma profunda marca em seu coração.

Ela sabia que não queria um homem para uma noite apenas ou para algo casual. Ela queria algo mais. No mínimo, comprometimento, responsabilidade, amor e respeito. Se paixão turbulenta e desejo louco entrassem na receita seria perfeito.

Com exceção de alguns amigos e de seu irmão adotivo, todos os outros homens que Catarina conheceu a fizeram ser ainda mais cautelosa.

Quando a mãe morreu, a chorosa e confusa Catarina de apenas sete anos não conseguira entender por que a família de sua própria mãe não a levava para a casa deles e a deixava a encargos dos serviços sociais. Mas pior ainda, foi quando no enterro de sua mãe, sua avó disse que sua mera existência era uma vergonha e a evidência indiscreta da vida pecaminosa que sua mãe tinha levado.

Ela sabia que seu pai não a havia reconhecido porque era casado e que nunca tinha enviado um tostão para ajudar no seu sustento. Mesmo agora aos vinte e cinco anos de idade, ela ainda não conseguia entender aquela rejeição – afinal ela era a carne e o sangue deles – e somando-se à do pai, a mágoa profunda daquele abandono, sem nenhum arrependimento ou razão plausível, fez com que Catarina se tornasse ainda mais cautelosa com as amizades.

E mesmo assim, até se mudar para os Addington, aos catorze anos, a dócil e gentil Catarina viveu uma vida tumultuada, com constantes mudanças de abrigo e de lares adotivos, relacionamentos danosos e desfeitos e muita insegurança.

Quando os pais de Kurt morreram, um após o outro no espaço de uma única semana, ele a convidou para continuar morando com ele e até ofereceu o que uma vez tinha sido aposentos dos criados no quintal para que ela tivesse mais privacidade, o que ela aceitou sem pestanejar. Após algumas reformas, o local se transformou em uma casinha de sala e quarto, com espaço suficiente para uma cama, uma poltrona com uma mesa lateral e uma mesa especial com várias mini-gavetas; onde ela guardava seus materiais e trabalhava suas joias, além de uma pequenina cozinha e banheiro.

Não querendo mais pensar sobre sua infância ou os tempos sofridos da juventude, Catarina entrou no banho e deixou a água morna limpar sua mente de tais memórias, se fixando nas coisas alegres da sua vida, como o presente de Kurt e o bolo delicioso que eles iriam comer juntos mais tarde.

Ainda assim, enquanto se vestia para ir para o trabalho, cantarolando uma música baixinho, sem avisar, uma sensação de falta se instalou em seu peito.





No crepúsculo nebuloso do ópio, a dor em seu corpo diminuía, sua ansiedade se acalmava, e ela não conseguia mais ver os rostos de seus pais mortos ou ouvir os gritos de seus parentes e amigos feridos. Na verdade, enquanto ela perseguia o dragão, sua mente não era perturbada por sonhos. Ou pesadelos.

Perseguir o dragão era uma definição muito apropriada para descrever sua rotina, seu vício e sua vida de uma maneira geral.

Com uma expiração cansada, ela olhou para a pintura lascada no teto do sótão.

No passado, a fumaça sufocara a raiva em seu coração, mas agora sua necessidade de vingança dominava até o doce embalo do ópio.

Ela se levantou da cama umedecida pelo suor e foi ao banheiro tomar um banho.

No espelho, estudou seu corpo nu. Cinco cicatrizes de feridas à bala crivavam a pele bronzeada de seu peito e colo; um lembrete constante da tentativa de assassinato de décadas atrás.

Apesar de tanto tempo ter se passado, ela se lembrava perfeitamente da ordem em que cada bala passara seu corpo, todas elas provenientes das pistolas dos soldados do reino de Tara Românesca.

Mas a vingança estava próxima.

Então, depois que o inimigo fosse expulso, Tara Românesca seria restaurada às suas antigas tradições e glória e colocada nas mãos daqueles a quem a terra realmente pertencia.

A água fria lavou o suor de seu corpo, trazendo-a lentamente de volta à vida e trouxe com ela uma pontada de um desejo sinistro, enchendo suas entranhas, fazendo seus músculos



cansados tremerem.

*Não vai demorar muito mais tempo agora.*

Uma vez limpo e vestido, seu reflexo não revelava nenhum indício da escuridão que se contorcia dentro dela. Com um forte aceno de cabeça, ela abandonou a ilusão de segurança de sua casa e saiu para a rua.

Ali, pendurado a seis metros de altura, diante dela, estava o dragão. Ele se contorcia e batia as asas contra ela ameaçadoramente, como se o próprio tecido da bandeira conhecesse os desejos sombrios de sua mente.

Arreganhando os dentes diante do símbolo da realeza de Tara Românesca, toda a sua existência foi reduzida a um único pensamento:  *você é meu.*

## CAPÍTULO 2



*Londres, Kensington  
Embaixada de Tara Românesca*

16:59

Não foi nenhuma surpresa para Theodoros a presença da princesa Aline, irmã de seu pai, e sua única prima direta, a princesa Alice, nos apartamentos particulares de sua mãe na embaixada de Tara Românesca em Londres. Tampouco ficou surpreso ao ver que todas estavam arrumadas como se fossem a uma festa, com seus vestidos longos e penteados estilosos, já que sua mãe sempre insistiu – ordenou, na verdade – que todos usassem roupas formais para o jantar.

O que o surpreendeu foi o fato de não haver nenhuma das ajudantes de honra – ou melhor, bajuladoras – que faziam parte da comitiva habitual de sua mãe.

E isso não era um bom presságio para ele.

Assim que o garçom circunspecto que serviu as bebidas saiu da sala, Maressa lançou-lhe um olhar afiado e disse: – Precisamos conversar.

– Sobre o quê?

– Faz exatamente um ano que Irina morreu – respondeu sua

tia Aline.

*Então, elas se lembraram.* Theodoros levantou uma sobrancelha escura. — E daí?

— O ano usual de luto se foi. Já que você já satisfaz os protocolos sociais, nós podemos começar a procurar noivas para você — informou sua mãe, pragmática.

Espantado, Theodoros olhou para a mulher que nunca tinha feito um só gesto de carinho em sua direção. — Não creio que...

Alice, sua prima muito mais nova, o interrompeu: — Não é como se quiséssemos que você substitua Irina, Theodoros. Mas...

— Theodoros sabe que a família vem em primeiro lugar — declarou Maressa com uma seriedade e preocupação patéticas. — Precisamos de um herdeiro para o trono e a fortuna de Tara, especialmente porque sua prima até hoje não encontrou um possível noivo.

— Mãe...

— Você tem trinta e oito anos — acrescentou Maressa, não parecendo se importar em sua sobrinha ter se encolhido e olhado para o copo de suco de tomate. — E se algo semelhante ao que aconteceu com Irina, acontecesse com você? Você precisa se casar e providenciar um herdeiro para a coroa.

*Pelo amor de Deus!* — Obviamente, mas tudo no seu devido tempo — respondeu ele bruscamente.

Ele não precisava que ninguém lhe lembrasse de suas obrigações. Desde a sua infância, suas muitas responsabilidades tinham lhe sido inculcadas – e cobradas – diariamente; mesmo no colégio interno, ele tinha mais aulas do que os outros meninos, aprendendo as mesmas tradições antiquadas de seus antecessores. Sua vida era destinada a cumprir a pesada armadilha de expectativas que estavam intrinsecamente entrelaçadas com seu status real e sobrecarregavam seus ombros: O reino e os súditos vinham primeiro; depois a fortuna do reino e a família. Ele vinha sempre por último.

— Elaboramos uma lista de possíveis noivas para você — continuou Maressa teimosamente desdobrando um maço de folhas



grampeadas.

Theodoros afinou a boca em uma linha que teria feito qualquer outra pessoa mudar de assunto diplomaticamente, mas sua mãe era uma oponente ferrenha.

— Lady Marie Claire Bourbon D’Albuquerque — foi o primeiro nome sugerido.

— Descende da tradicional realeza Bourbon da França e sua família é rica, não tanto quanto a nossa, claro — acrescentou sua tia.

Theodoros nem se dignou a comentar.

— Duquesa Cristina de Northfolk. — Sua mãe leu mais um nome e explicou: — Sua Graça é uma jovem viúva, aparentada com a rainha Elizabeth, e já tem um filho.

Uma expressão clara de aversão cruzou os traços clássicos de sua prima Alice quando sua mãe falou sobre o filho da duquesa.

Theodoros podia concordar com ela porque ele também tinha sentido a alfinetada: a tal da duquesa já tinha provado que era fértil enquanto eles dois não tinham providenciado o herdeiro para o reino.

Quando sua mãe sugeriu o próximo nome e sua tia elogiou a *quase* mulher e, *com certeza*, virgem, segundo ela, como candidata perfeita, Theodoros engasgou com o uísque que estava bebendo.

— Vamos realizar alguns bailes de gala, sempre em benefício de entidades carentes, obviamente, e enviar os convites para as famílias que tenham candidatas adequadas — anunciou Maressa. — Precisamos encontrar uma mulher apropriada para a função de rainha. A sua noiva precisa ser versada em protocolos, falar várias línguas, além de ter uma formação educacional adequada e, de preferência, uma linhagem pura.

— Não participarei de nenhuma farsa deste tipo, seja em benefício de entidades carentes ou não — declarou Theodoros, sem hesitar. — Não tenho intenção de me casar de novo tão cedo.

Alice lançou um olhar de desculpas a ele e tentou amenizar a ideia, que, pelo jeito da conversa, não só havia sido discutida, como provavelmente planejada detalhadamente. — Mas como você vai se

apaixonar por alguém se não for aos bailes?

— Felizmente, Theodoros não está pensando em *se apaixonar* por ninguém — respondeu Maressa em um tom gelado. — O casamento para nós é uma questão de negócios.

— Já chega — decretou Theodoros, indignado não só com os comentários absurdos, como também com os preconceituosos. Ele mal podia acreditar que suas próprias parentes pudessem ser tão grosseiras – ou melhor, loucas. — Não haverá festa ou baile algum.

O comportamento educado e formal era apenas uma máscara usada por estranhos que não se conheciam nem se gostavam. Suas vidas eram governadas pelas regras do século passado, e ter um herdeiro por seu país era mais importante do que ser um ser humano feliz. No pior cenário, se ele e a sua prima Alice morressem sem herdeiros, a coroa passaria para a família de um primo distante, mas mesmo assim a sua própria família ainda seria bilionária. Mas ele sabia que o encantava a sua mãe mais do que tudo era o poder.

— Isso é o melhor para Tara Românesca — murmurou Maressa falsamente.

— Este é um assunto pessoal no qual não permitirei interferências – sua ou de outras pessoas, madame. Além do mais, eu sou o rei e eu sei o que é melhor para o reino e para mim. — Ele se levantou, seu rosto rigidamente controlado para esconder seu desgosto por sua própria família e encarou cada uma das mulheres. — Agora, se me dão licença, princesas, mãe, devo comparecer a um casamento.

Ele cumprira seu dever pelo país uma vez e, infelizmente, seu casamento não dera frutos, mas não por falta de tentativa. Irina morreu logo depois que eles tinham decidido procurar um especialista em fertilização.

Quando ele se casasse novamente – porque não havia se, no caso dele – ele faria como seu pai havia feito.

Quando o Grão-Príncipe-que-se-fez-Rei Ioannis Victorius Coburg-Danesti se casou pela segunda vez, seu primeiro ato depois da lua de mel mais curta do mundo foi levar a noiva de dezoito



anos a uma clínica de fertilização e engravidá-la por meio de tratamento. *Por que quem diabos teria estômago para plantar uma vida em uma mulher tão fria da maneira natural?*

Como ele estava ciente por observar seus pais, o casamento poderia ser o inferno na terra. E mesmo em casos em que ambos estavam loucamente apaixonados um pelo outro, a relação poderia ser complicada. Felizmente, Irina e ele se deram razoavelmente bem como casal.

E agora?

Agora, tudo o que Theodoros queria era um pouco de liberdade.



*Londres, Knightsbridge*

17:59

Catarina prendeu o cabelo em um rabo com a fivela de pérolas falsas que compunha a sua *fantasia* de garçonete para o casamento chique de hoje à noite e se dirigiu para o lado de Charles aguardando instruções, mas antes que seu chefe pudesse dizer alguma coisa a mãe da noiva, Melina Camden, uma loira falsa e cheia de tiques, vestida com algo que nem de longe se parecia com um vestido, mas com uma nuvem cinza e rosa – de algum país com nome complicado do qual Catarina não conseguia se lembrar – chegou perto e perguntou: — Essa é a mocinha que será responsável pelo nosso convidado VIP?

Charles virou-se para ela com um sorriso forçado. — Catarina, a Sra. Camden está me dizendo que haverá um lorde aqui esta noite...

— Não apenas um lorde, mas Theodoros Ioannis Coburg-Danesti — a mulher interrompeu em um tom de voz estridente e imperioso, anunciando o nome do dito *não-apenas-um-lorde* em uma



mistura de sotaques francês e alemão e com uma arrogância que a maioria usava para pessoas realmente muito importantes. — Nosso convidado mais VIP e primo do meu marido em oitavo grau. Vou lhe chamar para mostra-lo a você assim que ele chegar. Mantenha-o bebendo e comendo e feliz. Quero-a servindo-o como sua escrava particular, durante o tempo todo.

*Escrava particular?* — Não se preocupe, senhora. — Mesmo com vontade de fazer uma careta, Catarina concordou com a cabeça e, assim que a mulher deu as costas, correu de volta para a cozinha.

— O que foi desta vez? — perguntou a outra garçonete que estava terminando de arrumar uma bandeja de sanduíches minúsculos para a noiva, que estava tendo uma comemoração privada antes do casamento em uma suíte no andar de cima.

Imitando a voz estridente da mulher e suas maneiras arrogantes, Catarina contou a ela sobre o importante convidado, terminando com: — Parece que é um lorde. Charles disse que era, mas a madame disse que ele era mais do que isso.

— Outro metido a besta, gordo e com muito dinheiro, aposto — debochou a colega enquanto colocava um toque final nos sanduíches. — Pronto. Pode levar para a Madamezinha Esnobe.

— Só espero que ele não se esqueça de deixar uma gorjeta polpuda — brincou Catarina e, pegando a bandeja, deixou a cozinha em direção ao segundo andar da residência.

Já penteada e maquiada, a noiva, Frida, estava cercada por seis de suas melhores amigas e já estava abrindo uma terceira garrafa de champanhe francês.

Com um vestido muito mais extravagante que o da mãe, a noiva brilhava mais que a Torre Eiffel à noite e a mãe a elogiava sem parar.

Obviamente aborrecida com toda a bajulação materna e querendo lhe dar algo para fazer longe da suíte, Frida se queixou sobre a temperatura, o que fez com que a mulher mais velha fosse atrás de Charles para aquecer o ambiente.

Se Catarina ainda tivesse uma mãe amorosa – mesmo que a mãe fosse tão boba e irritante quanto Melina Camden – ela nunca



reclamaria de nada.

Poucos minutos depois, Catarina foi chamada pela loira para ver quem era o oh-tão-importante-hóspede. Melina apontou para a vizinhança do marido e sussurrou: — Ali, à esquerda do meu marido, o homem de smoking preto.

*Todos os homens estão de smoking preto, Sra. Camden.* Catarina localizou um velho solitário sentado à esquerda do marido de Melina. — Aquele ao lado do vaso de plantas?

Com uma bufada, Melina emoldurou a cabeça de Catarina entre as mãos e a direcionou para onde estava o marido. — Você é cega, garota? Ali, ó. O homem alto conversando com meu marido.

Realmente havia um homem alto, com longos cabelos castanhos-claros conversando com o pai da noiva. — Ah, sim, estou vendo. — *Na verdade, não estou vendo direito, não. Mas sua altura e cabelo são inconfundíveis. Devo ter entendido errado. Ele é provavelmente algum atleta. Ou ator. Ou roqueiro. Nenhum lorde teria esse cabelo ou atitude.*

— Ótimo. Assim que a cerimônia terminar, satisfaça todos os seus desejos imediatamente.

Com isso, ela deixou Catarina, que continuou olhando, tentando ver melhor o rosto do homem, e correu para dentro dos aposentos da noiva, exclamando estridente no que ela parecia pensar ser um sussurro abafado: — O casamento deve começar! Agora. Theodoros Ioannis chegou!

Com uma ordem discreta do walkie-talkie de Charles, a orquestra sinalizou o início da cerimônia e o Sr. Camden direcionou o homem alto para a primeira fila, tornando impossível para Catarina distinguir seus traços especialmente porque, rindo e sussurrando, as amigas da noiva passaram correndo à sua frente ocupar seus lugares no pé da escada.



ão fosse o fato de Eric Camden ser um dos empresários mais importantes de Tara Românesca – e um primo muito distante, algo

que Camden nunca deixava ninguém esquecer – Theodoros teria enviado um de seus parentes inúteis para representá-lo. Mas sua consciência não o deixaria em paz se ele não tivesse aparecido, especialmente desde que ele dissera ao seu ajudante-de-ordens para aceitar o convite. *Eu mais do que cumpro minhas obrigações, mãe.*

Apesar das duas aspirinas que tomara na limusine a caminho do casamento, a dor de cabeça que se instalara no crânio de Theodoros depois de sair da casa de sua mãe estava agora discutindo ferozmente com a orquestra.

Para seu alívio, a cerimônia foi curta e, em pouco tempo, com um sorriso falso estampado no rosto, ele estava saindo do local, atrás do casal, à frente de todos os demais, cortesia de seu status de rei.

Uma recepcionista direcionou os noivos para uma sala, enquanto outra o levava para um vasto salão de recepção, onde havia algumas mesas, um espaço para dançar e uma banda já tocando ao vivo.

Antes que a mulher pudesse direcioná-lo para a sua mesa, a voz estridente de Melina atingiu seus ouvidos.

— Vossa Majestade!

Theodoros quase gemeu, mas se virou e sorriu, cumprimentando e parabenizando a senhora, calculando por quanto tempo que ele tinha que aturar toda aquela chatice antes que pudesse se despedir e sumir.



## CAPÍTULO 3



Dom Florin Romani, o líder do partido do Povo Roma Unido, aproximou-se de Theodoros e prontamente explicou que estava sozinho porque sua terceira esposa tinha dado à luz ao quarto filho deles.

— Quatro crianças em seis anos, Vossa Majestade — gabou-se Florin, estufando o peito enquanto seus olhos negros brilhavam de orgulho. — E será meu décimo filho.

— Meus parabéns — disse Theodoros, se questionando se a esposa estaria tão contente assim.

— Ah, mas o assunto de crianças o aborrece, Majestade. Que pena. As crianças dão vibração à vida. Aposto que o senhor mudará quando tiver um filho. — Florin sorriu paternalmente para Theodoros.

— Talvez — disse Theodoros rigidamente, devolvendo um sorriso forçado.

— Conheço essa cara — disse Florin, balançando um dedo admoestador. — Ocupado demais com assuntos financeiros e governamentais para achar um novo amor, não?

Theodoros mudou de um pé para o outro desconfortavelmente e tentou mudar de assunto o mais rápido possível. — Com a escolha iminente do primeiro-ministro...

— O que tem a escolha? — interrompeu Florin, seus olhos brilhando, já que era o presidente de um dos partidos políticos de Tara Românesca.

— Há muito o que fazer — esclareceu Theodoros.



Florin acariciou sua barba grisalha enquanto estudava Theodoros com uma intensidade quase invasiva. — Verdade. Temos muito o que fazer.

Desculpando-se, Theodoros caminhou pela festa, seus olhos vagando pela sala e parando nos noivos, que sussurravam atrás das mãos. O rosto da noiva mostrava raiva e o noivo parecia que ele queria estar em outro lugar, menos lá.

Theodoros também estava sentindo o mesmo – ele sabia que deveria se casar novamente mas ele queria aproveitar sua liberdade um pouco mais.

Mas não era exatamente isso: Theodoros nunca gostou muito de casamentos. A felicidade forçada e toda a renda e a seda e bordados românticos e os juramentos solenes e sinceros prometidos com o fervor da paixão provavelmente não durariam mais de um ano.

Pelo menos era o que diziam as estatísticas de divórcio.



— *A*li, Catarina, vá oferecer uma bebida ao tal do lorde antes que a Sra. Camden coma meu fígado — insistiu Charles, assim que os convidados estavam todos dentro da sala de recepção.

Catarina apertou os olhos e localizou com facilidade o homem alto à mesa nupcial. Ele já tinha um copo alto na mão – provavelmente uísque. Então, ela pegou outra garrafa de uísque, gelo, copo e uma jarra de cristal com água e colocou na primeira bandeja que encontrou.

O olhar curioso dela repousou sobre ele, contemplando todos os detalhes de sua aparência elegante e sofisticada, enquanto ele sorria para uma mulher que corava ao ser apresentada a ele.

Seu smoking tinha o carimbo da alfaiataria clássica, da mais alta qualidade, e pelo que ela podia ver e nem as roupas não conseguiam esconder, ele tinha um físico esplêndido: alto e musculoso, de ombros largos.



A única coisa que o denunciava como um verdadeiro rebelde era o corte de cabelo.

À primeira vista, ela pensou que ele tinha o cabelo longo, porém era mais do que isso. De um lado era cortado curto, como de um soldado, mas só aparecia quando ele afastava o cabelo do rosto.

Mas ela não estava preparada quando seus olhos focaram no rosto dele. O homem era incrivelmente bonito – absolutamente deslumbrante, desde a juba lisa e longa de seus cabelos castanhos com aquele toque rebelde, até os ângulos clássicos de seus traços faciais atraentes.

— Milorde? — falou Catarina, chamando a atenção do homem, ao mesmo tempo que estendia a bandeja que estava carregando. — Mais uísque?

Quando ele baixou o olhar para ela, ela descobriu que ele tinha cílios escuros e olhos verde-esmeralda fascinantes que a fizeram se sentir tonta como se tivesse tomado a metade da garrafa de uísque em sua bandeja.



*P*or um momento, Theodoros pensou em pedir para trocar o uísque por água, mas quando olhou da bandeja para a garçonete, esqueceu totalmente o que ia falar.

Os cílios pretos como carvão se levantaram e olhos de um azul brilhante o encararam.

Um relâmpago atingiu suas veias, esquentando, chamuscando, queimando e finalizando no seu pau como um trovão.

Foi então que um belo desastre aconteceu.

Theodoros deu um passo à frente, concentrando-se naquele rosto hipnotizante e não viu que ele caminhava direto no caminho de uma criança distraída que corria.

A criança deu um encontrão com as pernas de Theodoros, que tropeçou mas conseguiu se reequilibrar, evitando de pisar na criança, que caiu para trás.

Com agilidade, a garçonete puxou a bandeja para trás.



Mas ela foi rápida demais.

A jarra de cristal com água tombou na direção dele, ricocheteou perto de sua virilha e depois se quebrou nos ladrilhos com um estrondo que fez com que um silêncio sepulcral se instalasse no salão.

— Milhões de desculpas, milorde! — A moça imediatamente se ajoelhou a seus pés. Colocando a bandeja fora do caminho de qualquer pessoa, ela pegou vários guardanapos de pano da mesa e com dois deles juntos os cacos colocando-os na bandeja.

E, provavelmente intuitivamente, a mocinha começou a limpar o ponto molhado na frente da calça dele, sem nem pensar na região em que ela dava palmadinhas leves e esfregava.

Theodoros, que já estava mentalmente excitado ao vê-la, sentiu seu pau endurecendo enquanto a adorável jovem a seus pés continuava a esfregá-lo com um guardanapo branco.

Para a criança que havia caído atrás dele, ele se virou e ordenou em um rosnado: — Vá ficar com sua mãe! — Então ele se virou para a moça e, num tom mais suave, falou: — Você não tem ideia do que está fazendo.

— Foi um acidente, milorde — balbuciou ela, claramente envergonhada, olhando para ele de seu lugar no chão. — Farei o meu melhor para cuidar disso.

— Não quis dizer antes. Quero dizer agora. — Exasperado que o corpo dele estivesse reagindo de maneira indisciplinada às carícias da linda mulher – e ela era bastante atraente, mesmo que gaguejando e corando com seu pedido de desculpas – ele passou a mão pelos cabelos. — Pare o que você está fazendo.

A moça baixou os olhos rapidamente e continuou esfregando, mas para piorar a situação segurou o gancho da calça e puxou para baixo. Agora aquela mãozinha delicada estava pressionando as suas bolas.

— Estou tentando tirar isso das suas calças. Quero dizer, a água. Isso. Tirar a água das suas calças.

— Não acho que esteja funcionando. Você deve parar. — A protuberância em suas calças estava ficando mais óbvia a cada

segundo e tudo o que ele queria fazer era agarrá-la e levá-la para outro lugar para que ela pudesse realmente tirar o seu pau de dentro das calças.

— Mas está, milorde. Estou chupando... Quero dizer, o guardanapo está chupando a água do tecido.

Normalmente, ele estaria irritado, não apenas por ter sido colocado sob os holofotes em uma posição embaraçosa, mas também por a moça ser tão desajeitada, mas ele se viu oscilando entre diversão e excitação.

— Você está fazendo um espetáculo de nós dois — ele meio que sibilou, meio que gemeu.

Só então ela pareceu perceber que dependendo do ângulo, alguém veria apenas um homem parado entre uma poça d'água com uma mulher ajoelhada a seus pés – fazendo Deus sabe o quê.

— Ah, claro! O senhor está certo. — Ela se virou e pegou sua bandeja: — Venha comigo ali no canto, fora de vista.

*Isso. Vamos ali no canto!* Sua cabeça estava zumbindo e era difícil pensar com clareza. O uísque e a excitação devem ter deixado pouco espaço para o pensamento racional, porque tudo o que ele queria fazer era seguir a mulher para um lugar privado. Embora, ele tinha certeza de que ela não quis dizer nesse sentido. *Pare com isso, Theodoros.*

— O senhor vem, milorde? — Ela olhou para ele por cima do ombro enquanto caminhava em direção a uma porta a vários metros de distância.

Sentindo-se como se a linda garçonete tivesse quase lhe dado uma bela masturbação, ele ficou com vergonha de segui-la. — Você vai e continua seu trabalho. Vou terminar isso aqui sozinho. Err... Vou deixar a calça terminar de secar sozinha.

Ele a observou fazer uma pequena reverência e sair pela porta.

Sem olhar para os companheiros na mesa de jantar, ele pigarreou: — Com licença — e caminhou até uma mesa na varanda onde não havia ninguém sentado, tentando domar sua libido e baixar sua ereção, mas seu corpo e mente estavam focados na mulher magra e pequena mas com curvas perfeitas, com uma



cintura tão pequena e deliciosa que suas mãos não teriam dificuldade em fechar ao redor.

*Putá merda. Isto é tão errado.* Ela era uma trabalhadora e ele não era o tipo de homem que seduzia a equipe feminina apenas por uma foda ou duas.

Mas seu olhar teimoso seguiu a mulher esbelta e delicada, enquanto ela passava meio que dançando com a música, como se fizesse isso inconscientemente.

Aquelas curvas surpreendentemente deliciosas agitando uma bandeira vermelha na frente dele.

Os dedos dele coçavam querendo abrir aqueles botões do vestido preto que pareciam querer escapular e liberar os seios redondos; querendo tirar aquele avental de babadinhos ridículo e levantar a saia para apalpar as curvas sensuais daquela bunda empinada. Talvez, quem sabe, uma foda rapidinha. Seguida de uma bem lenta, claro.

— *Aí está você.* — Melina, sua anfitriã, bloqueou a sua visão e estendeu a mão para ele. — Estava me perguntando para onde você tinha ido. Venha. Você deve conhecer alguns amigos meus muito queridos.

Com Melina o puxando pela mão, Theodoros foi apresentado a centenas de outros convidados – ou assim lhe pareceu.

Assim que pode, escapou para a varanda novamente e ligou para o seu motorista, informando-o que ele deveria apanhá-lo em 10 minutos.

Inspirando fundo, ele percebeu que sua dor de cabeça tinha desaparecido. Talvez o remédio tivesse sido a visão do sorriso ensolarado da pequena garçonete – ou talvez ele devesse dizer da pequena sedutora.

Tudo nela era encantador: seus brilhantes olhos azul-céu, o narizinho arrebitado, covinhas surpreendentes e uma boca pronta para ser beijada.

*Onde ela foi?* Estranhamente, tudo o que ele ainda podia ver eram aqueles movimentos fluidos e animados que falavam de um espírito livre e extrovertido; aqueles olhos cor de céu brilhante e



boca rosada e deliciosa que eram uma mistura hipnotizante de inocência e apelo sexual feminino.



— **O** que diabos aconteceu, Catarina? — Charles exigiu, empurrando Catarina para a cozinha.

— Sim! O que aconteceu? — exigiu a noiva com raiva, plantando-se no caminho de Catarina, impedindo-a de encher novamente a bandeja.

— Foi um acidente. Uma criança...

— Você me envergonhou, sorrindo e flertando com o meu convidado mais importante, e se isso não bastasse, você estragou as calças dele. — A mulher esnobou-a e virou-se para Charles: — Se você quiser continuar trabalhando para nós, ela deve ser dispensada. Agora.

— Flertando? Sério? Ele nem é do meu tipo. — Catarina conteve uma resposta mais azeda quando a noiva voltou-se para encará-la.

— Você já estragou o meu casamento o suficiente! Não vou tolerar sua falta de educação ainda por cima. — Frida gesticulou para Catarina com um gesto zangado. — Saia da minha frente.

Os olhos de Catarina arderam com lágrimas de raiva e ela olhou para Charles, que sussurrou: — Vá para casa.

Catarina levantou o queixo em um ângulo desafiador, mas foi pegar suas coisas enquanto Charles acalmava a noiva zangada e arrogante.

## CAPÍTULO 4



**N**a hora em que estava se retirando da festa, Theodoros pode ouvir a altercação e estava prestes a intervir e dar um pito na noiva, já que o dono do buffet não o fez quando ouviu a garçonete linda – Catarina – dizer que ele não fazia o tipo dela.

Bom, ela também não fazia o seu. O estilo de Theodoros se inclinava mais para as modelos morenas altas e exuberantes, como fora sua falecida esposa, Irina. No entanto, ele tinha se conectado com Catarina de uma maneira muito mais intensa e básica.

Exasperado, ele não gostou que ela sacudiu seu mundo, mas não conseguiu evitar seguir a pequena figura dela como um falcão. *Bem, o balanço sensual de seus quadris atrairia os olhos de qualquer homem de sangue quente.*

Ela alegou que ele não era o tipo dela, mas ele estava convencido de que era uma mera desculpa. Mas aquilo não era problema dele. Com um dar de ombros ele saiu da residência e foi esperar seu motorista na calçada.



**A** primeira pessoa que viu quando saiu da casa foi o lorde alto, encostado no muro, falando ao telefone. *Provavelmente esperando um taxi, um Uber... um motorista. Sei lá.*

Ela correu em direção à estação de metrô, pensando que noite



miserável que tivera quando ouviu passos atrás dela.

— Com licença, senhorita. — Ele notou que a constituição leve e estatura diminuta dela mal alcançava seu ombro e o contraste entre eles era intensamente feminino e excitante. A mente conjurou um filme passional dele levantando-a nos braços e transando com ela, ali mesmo, contra o muro. Seu corpo reagiu imediatamente, seu pau ficando mais do que interessado.

— Olha, eu não tive a intenção de lhe dar a ideia errada.

— A ideia errada?

— Não estava flertando com você... com o senhor, quero dizer. Nem... expressando um interesse pessoal. De maneira nenhuma — disse ela lentamente, como se tivesse medo de que ele entendesse mal o significado dela.

*Você me deu a ideia certa.* Divertido, Theodoros sorriu para ela, porque o que estava acontecendo em sua mente era exatamente o oposto — ele estava pensando que poderia lhe oferecer uma carona para que eles se familiarizassem.

— Você trabalha há muito tempo para essa companhia de buffet? — perguntou Theodoros, quebrando o silêncio que se instalara.

— Bastante tempo. Era só meio período antes de me formar na faculdade, agora é o meu trabalho em tempo integral. Estou economizando para começar meu próprio negócio — disse Catarina a ele.

— Permita-me ajudá-la com suas economias dando uma carona em vez de deixá-la pegar um ônibus em uma noite tão bonita.

— É muito gentil da sua parte, mas são necessárias duas trocas de linha do metrô e ainda tenho que pegar o trem para chegar em casa. É muito longe para você... dirigir —terminou ela fracamente. Porque uma longa e brilhante limusine preta parou ao lado deles e um homem de terno preto e óculos escuros correu para abrir a porta para ele.

— Que nada, será um prazer.

De alguma forma, Theodoros tinha a nítida impressão de que iria quebrar as suas regras com ela e que não se importaria nem

um pouco com isso.

Ela era diferente.

Não tinha bem certeza se era a inocência dela, o que era estranho por si só, já que ele geralmente achava isso pouco atraente em uma mulher; ou se era o jeito que ela o tratava –sem timidez e com toda aquela curiosidade.

Tudo o que ele queria era desfazer o coque em sua nuca e soltar aquele cabelo loirinho claro, arrancar aquele vestido horrível de seu corpo exuberante, desnudando-a para ele... E deixando aqueles óculos sexies, para que ela pudesse ver o prazer estampado em seu rosto quando ele a penetrasse.

— Além do mais, é o mínimo que posso fazer já que parece que te meti em algum tipo de problema com seu patrão.

— Vou ficar bem. Charles, meu chefe, entenderá. Não foi culpa de ninguém o que aconteceu, milorde.

— Eu sei, mas, mesmo assim, insisto no favor de uma carona, e você sabe que é falta de educação recusar o pedido de um lorde. — Ele notou o brilho de aço que faiscou naqueles olhos azuis por um segundo, antes de desaparecer.

— Sim, milorde. Como quiser.



**C**atarina respirou fundo, sacudida por sua aquiescência a alguém que literalmente acabara de ordená-la a entrar na luxuosa limusine.

Tinha tido namorados, claro, mas ninguém especial; certamente, ninguém com quem ela tinha tido vontade de transar. Ela nunca tinha desejado um homem, muito menos desesperadamente como ela queria aquele rebelde bonitão. *Esta não sou eu.*

Então, foi um choque total olhar nos olhos dele e ter o fôlego roubado de seus pulmões e a razão roubada de seus pensamentos.

— A propósito — ele lhe lançou um sorriso brilhante — eu sou Theodoros.



Ela piscou, percebendo que a boca que estava admirando tinha acabado de falar. — Catarina.

Ele gostou da resposta direta e despretensiosa dela. Claro, ela não podia fazer uma reverência dentro do veículo, mas ela nem tentou reconhecer verbalmente o status dele. Chamar ele de milorde e senhor antes era aparentemente uma exibição pública. Mas agora, aqui no carro, essencialmente sozinha com ele, ela era direta e falava como sua igual. *Gosto dela mesmo.* — Prazer em conhecê-la, Catarina. Você é espanhola?

— Não sei, talvez tenha alguma descendência. — Sua mãe era irlandesa e ela não tinha certeza sobre seu pai. Mas ela sempre tinha escutado a mãe e as amigas cochicharem sobre um certo amante sexy espanhol.

— Você é solteira?

Os intensos olhos esverdeados brilhavam nos dela; olhos que sugeriam prazeres incontáveis, risadas e, se ela não estava imaginando demais, algum tipo de dor do passado cuidadosamente escondida.

*Como, em nome de Deus, um simples olhar me faz sentir como se ele tivesse retirado as minhas roupas lenta e deliciosamente?* — Eu sou. E o senhor é também, milorde?

*Interessante. Agora ela está nos separando por classe, enquanto eu indago a disponibilidade dela?* — Sou viúvo. Minha esposa morreu há um ano, lamento dizer.

*Ah.* Isso explicava a dor que ela tinha visto nos olhos dele. Ela colocou a mão sobre a dele, genuinamente emocionada pela perda dele. Ela não conseguia se imaginar perdendo alguém que amasse muito. — Sinto muito ouvir isso, milorde.

Um zing de eletricidade passou por ele e ele virou a mão e fechou os dedos sobre os dela. — Por favor, me chame de Theodoros. Pelo menos em particular.

— Pois não, lorde Theodoros. — Ela sorriu e deu uma piscadinha, provocando-o, mas como sua mente não estava funcionando devido ao calor repentino que aquecia seu sangue, ela repetiu: — Sinto muito por sua esposa.

Surpreendeu-o que ela pudesse ser divertida e fazê-lo sorrir de volta, enquanto discutia sua esposa morta. *Que tipo de criatura é essa?* E ele não conseguia pensar em nada para dizer, além de: — Tudo bem.

Os dois se entreolharam curiosamente por um momento, à vontade no silêncio, embora mal se conhecessem.

— Então, servir convidados em festas — disse ele, mudando de assunto. — Esse é o trabalho da sua vida? Sua grande ambição?

Ela riu, como ele esperava que ela fizesse.

— Deus, não. — Seus olhos cor do céu brilharam, divertidos. — Sou joalheira amadora nos fins de semana, mas preciso pagar minhas contas. Não consigo imaginar alguém se apaixonando por servir pratos aos outros.

— Ou derramando bebidas — brincou ele, rindo quando as bochechas dela ficaram vermelhas.

— Desculpa. Foi sem querer...

— Não precisa se desculpar — acalmou ele, passando a ponta de um dedo sobre a mão dela. — Devo dizer que nunca tive um serviço de buffet tão... íntimo antes.

Os olhos esverdeados dele correram sobre ela, fazendo sua pele formigar sob seu olhar apreciativo. O ar ficou pesado de eletricidade esvaziando a cabeça dela de todas as palavras. De alguma forma, eles foram muito rapidamente da conversa fiada para algo mais volátil, muito mais perigoso.

Havia essa probabilidade quando ela entrou na limusine, mas o que ela não sabia era se apesar de todo o desejo, se estava preparada para algo mais. Olhando para longe e puxando a mão da dele e colocando-a no colo, ela interrompeu o feitiço antes que fosse tarde demais.

Pegando a mão dela novamente, ele foi direto ao ponto. — Por que estamos evitando isso?

Catarina não precisou pedir a ele para elaborar o *isso*. Desde que seus olhos se encontraram com os dele — aquelas piscinas esverdeadas deslumbrantes — seus pensamentos ficaram embaçados. Um erro fatal, pois ela mal conseguia pensar direito,



muito menos respirar.

— Porque é loucura — sussurrou Catarina, afastando-se dele, como se o espaço vazio pudesse protegê-la dos sentimentos que corriam por suas veias. — E a loucura me assusta.

Desde que era criança ela aprendeu que ser impulsiva e imprudente tinha um custo muito alto. A vida tinha cobrado tanto dela, tantas vezes, que depois que ela se mudou para a casa dos Addingtons e encontrou com eles um lar feliz e pacífico, ela nunca mais quis tomar riscos, a não ser para obter um empréstimo de estudante, se matricular na faculdade e perseguir seu sonho. E mesmo assim, ela tivera ajuda dos seus pais adotivos, e, claro, ela começou a trabalhar como garçonete para diminuir o risco.

E talvez, apenas talvez, neste dia do seu nascimento, um de seus sonhos poderia se tornar realidade. *É mais do que motivo para comemorar e não ter medo.*

— Você me faz sentir mais vivo do que... — Ele teve que fazer uma pausa por um momento, porque não queria se lembrar de quando se sentia assim e, ao mesmo tempo, lutava para entender o porquê de seu desejo por ela era tão forte. — Bem, *Kätzchen*, mais vivo do que nunca. Isso é algo a se comemorar.

Um tremor percorreu o corpo dela porque o que ele acabara de dizer era exatamente o que ela estava sentindo e, de repente, sua intensa reação a ele se tornou normal, silenciando qualquer receio que ela pudesse ter. A tempestade de respostas físicas foi poderosa o suficiente para fazê-la dizer: — Você está certo. É motivo de comemoração.

Com uma imprecação baixinha, Theodoros se curvou e tomou os lábios em um beijo exigente.

Catarina ofegou e seus lábios se abriram, acolhendo o mergulho erótico de sua língua em sua boca.

O domínio dele era exatamente o que ela precisava. Ela o ajudou a tirar o paletó do smoking e suas mãos emolduraram o rosto dele, beijando-o de volta com fervor ofegante.

Em resposta ao seu entusiasmo, Theodoros afundou os dedos nos quadris dela e puxou-a para o colo, contra seu peito duro e

musculoso, passando os lábios pela coluna delgada de seu pescoço, fazendo-a se contorcer quando ele revelou as zonas erógenas do corpo dela.

— Sim, por favor, Theodoros.

O ardor dela só aumentou o prazer dele. Sua língua lambeu de leve sua clavícula sensível e ela estremeceu violentamente.

Levantando a cabeça para olhar naqueles lindos olhos azuis, ele sussurrou: — Quero você.

*Sim.* O desejo de dizer a palavra em voz alta a chocou. Era uma vontade – uma necessidade – física poderosa e completamente irresistível em seu charme.

Talvez tivesse sido algo semelhante que atraía sua mãe para o homem casado que acabou abandonando-a grávida. Talvez ela própria fosse culpada de ser intolerante em condenar seus pais por se envolverem.

Esse pensamento quase a fez dizer não – e nunca mais o ver.

Além disso, ele não era nada além de um homem que ela acabara de conhecer e não sabia nada sobre seu passado ou presente. Apesar de não parecer, ele bem podia ser um tarado – ou, credo! péssimo de cama – e amanhã de manhã, eles provavelmente descobririam que não tinham nada em comum.

No entanto, Catarina nunca teve uma vida fácil nem mesmo antes de ser encaminhada à adoção e seu instinto lhe dizia que podia confiar nele.

E aquele estranho misterioso era muito homem, tão masculino, macho mesmo, principalmente em comparação com os jovens com quem ela tivera experiências limitadas. Ela sentiu o pau duro dele contra sua perna, e isso a alarmou e a deixou com tesão, ao mesmo tempo. De repente, só de pensar como ela o estava afetando, a fez esquecer tudo sobre ser sensata e decidir entrar de cabeça na pele de uma mulher que motiva homens a cometer atos de insanidade. Naquele momento ela decidiu que seria ele quem a iniciaria nos prazeres do sexo. *Meu presente de aniversário.* — Sim, também te quero.

— Minha casa? — Quando ela acenou com a cabeça, ele apertou



um botão e em uma língua estrangeira deu uma ordem ao motorista.

Então ele estendeu a mão e puxou os grampos que prendiam o coque na nuca dela e deslizou as mãos por dentro da massa luxuriante que caía sobre seus seios. — Esse seu cabelo... quero me perder nele.

Mesmo que pudesse, ela não saberia o que responder porque as mãos dele cobriram possessivamente seus seios e correram sobre a blusa do vestido até as curvas de seus quadris.

Ela se inclinou para a frente e roçou os lábios nos dele, provando, experimentando, sentindo, enquanto desfazia o laço perfeito da gravata borboleta de seda.

— Você é tão gostosa — sussurrou ele contra os lábios dela, passando uma mão sobre o joelho e por debaixo da saia. — Não consigo decidir se quero tê-la aqui, agora, ou esperar até chegarmos em casa.

*Agora. E depois também.* O desejo faminto dele chamuscou através da pele da Catarina fazendo seu sangue ferver até o ponto de ebulição – uma dor fazendo seu sexo palpitar – e quando seus dedos brincaram com a junção de suas coxas ela deixou escapar um soluço abafado.

— Abre — sussurrou ele.

Apenas aquela palavra fez Catarina jogar ao vento toda a cautela de uma vida. Ela queria sim se abrir para ele, toda, todinha mesmo e se entregar sem pensar nas consequências – pelo menos uma vez na vida. Se remexendo, ela se encarapitou sobre as coxas dele e sua recompensa imediata foi os dedos deles a esfregando suavemente sobre sua calcinha.

— Já está toda molhadinha.

Ela estava era encharcada. Sensações intensas e poderosas tomaram conta de Catarina quase a sufocando.

— Beije-me — pediu ele, enquanto seus dedos entravam sob a calcinha dela.

O pedido dele deu-lhe coragem e confiança, e ela pegou a boca dele e deixou uma de suas mãos descer e tentou abrir os botões

complicados da camisa do smoking, apenas para desistir e acariciar o comprimento duro do sexo dele, esfregando-o.

O polegar dele encontrou o clitóris e ficou ali, circulando-o, primeiro devagar, suavemente, e depois mais rápido e a invadindo com o dedo médio, provocando estremecimentos de lascívia através dela.

Quando ela começou a ondular os quadris, ele pensou que gozaria nas calças.

Ela se afastou da boca dele, choramingando sob seu tormento sensual das sensações, claramente precisando gozar.

— Como você é gostosa — disse ele ao sentir as contrações do sexo dela em seu dedo. Ia ser delicioso penetrar aquele túnel apertado e sedoso.

Com as sobrancelhas franzidas, ela encontrou os olhos dele e sussurrou: — Theodoros.

Nas profundezas azuis, havia uma fome por essa paixão e prazer, mas ele reconheceu que não era tudo o que ela ansiava. Havia um desejo por algo mais, algo mais extremamente tão intenso e furioso.

Então, felizmente, as pálpebras dela se fecharam porque ele estava abalado.

— Goza, gostosa — falou ele roucamente em seu ouvido, mal reconhecendo sua própria voz tensa.

O desejo dela era o afrodisíaco mais poderoso que ele poderia imaginar. O canal dela abraçou seu dedo, chocantemente apertado quando ele preguiçosamente empurrou mais um dedo dentro dela. — Goza para mim, Catarina.

Havia um nó apertado e faminto crescendo exponencialmente na barriga dela, a empurrando para uma inclinação doída de desejo e quando ele aumentou o ritmo do polegar, ela explodiu sem aviso.

Um grito baixinho raspou rouco pela garganta dela, seu sexo apertando em espasmos, repetidamente enquanto os dedos dele martelavam implacavelmente dentro dela.

— *Ja*, isso, me dê todo o seu prazer — encorajou ele, extraindo todo o gozo do corpo dela.



Com um último estremecimento e um gemido baixo, ela caiu contra o peito dele, e ele sorriu.

Ela era tão passional – suas respostas descontroladas e intensas – e ela era dele naquela noite para fazer o que ele quisesse.

## CAPÍTULO 5



### *Chelsea* *Residência dos Coburg-Danesti*

23:01

A penumbra não escondia a grandiosidade do grande vestíbulo com os pisos brilhantes de mármore e uma mesa redonda de madeira mais-do-que-grande com um alto vaso de cristal com um arranjo floral mais-do-que-maravilhoso.

Na verdade, não havia nada ali que fosse normal. O local nem ao menos se parecia com uma casa de um homem rico e sim com uma fotografia saída diretamente das páginas da Casa Vogue e de alguma forma a fazia se sentir um peixe fora d'água.

Somente as pessoas muito – mais muito mesmo – ricas podiam comprar uma propriedade tão grande em Londres, decorada com o que ela tinha certeza de que eram móveis antigos e flores de verdade. Esse tipo de luxo silencioso a lembrava demais de como eles eram de dois mundos muito diferentes e fazia a pele na parte de trás do pescoço formigar.

— Espero não estar cometendo um erro — murmurou ela para si mesma, nervosa.

Theodoros tirou a jaqueta e jogou-a sobre uma poltrona, depois



a puxou para os seus braços e a beijou apaixonadamente, até ela ficar sem fôlego.

— Impossível. É bom demais para ser um erro — declarou ele, puxando-a por um longo corredor e entrando em um quarto gigante.

Ela se perguntou se ele se diria as mesmas palavras amanhã de manhã – e como ela se sentiria – mas parou de tentar prever o futuro quando ele se sentou na cama e a puxou entre as pernas para outro beijo caloroso.

Cegamente, as mãos dele abriram os botões do vestido e o empurraram para trás dos ombros dela, despindo-a com mãos experientes e ágeis que sugeriam um nível de experiência que a deixou nervosa e excitada ao mesmo tempo.

Aninhando-a entre suas coxas poderosas, ele abaixou o tecido de algodão do sutiã e abocanhou o mamilo rosado.

Não demorou muito para ele arrancar o sutiã dela e pegar os seios em suas mãos, rosnando baixinho de apreciação.

— Bonita. E tão delicada — suspirou ele distraidamente, parecendo não perceber que tinha falado em voz alta, passando as pontas dos dedos sobre os mamilos.

— Ah, meu Deus — gemeu ela, segurando a parte de trás do pescoço dele com as mãos. De alguma forma, ela sabia que não era uma mera sedução. Mas quando sua boca hábil se fechou no outro mamilo, e sua língua circulou pela auréola, enviando-a para uma renovada fome selvagem, ela achou impossível pensar, muito menos controlar os pequenos gemidos que saíam de sua boca.

Os sons suaves que ela emitia fez com que uma onda de desejo e euforia o varresse. — Tão delicada. E ainda mais sensível.

Depois de devorar os seios dela até as duas pontas ficarem duras, ele a colocou na cama e se levantou para tirar a roupa.

O olhar extasiado de Catarina seguiu os movimentos de Theodoros.

Para uma artista, a anatomia masculina não era nenhuma novidade. Mas o físico que se desnudou para ela não tinha nada em comum com o dos vários modelos masculinos nus que ela tinha

desenhado ao vivo na faculdade.

Soberbamente constituído com um peito musculoso e viril, coberto de pelos pretos que afinavam em uma linha tentadora sobre seu estômago duro e plano. O corpo longilíneo e musculoso de Theodoros era o sonho de modelo de todo escultor – vivo ou morto.

Mas os olhos dela se arregalaram quando ela olhou mais para baixo, pois entre suas pernas poderosas um pau longo, largo e em completa ereção apontava para ela. Pela primeira vez, ela desejou ter um pouco de experiência na cama.

Com sua nudez iluminada pela luz da lua, ele marchou de volta para a cama e se juntou a ela.

— Preciso foder você já — grunhiu Theodoros, posicionando-se sobre ela, segurando as mãos dela ao lado da sua cabeça e deslizando entre as coxas.

Ele a queria com uma força que era desconhecida para ele. Com os cabelos loiros quase brancos espalhados ao redor do rosto dela e pelos seus travesseiros, os olhos azuis-céu brilhando e o corpo voluptuoso aguardando por suas mãos e seu pau, ela era irresistível.

Quando as pernas dela se enroscaram ao redor da cintura dele, ele a penetrou com um impulso urgente, grunhindo quando seu canal quente e apertado o envolveu. — Caralho, você é melhor do que eu esperava.

Ela ofegou e estremeceu, esticada e cheia até o limite.

Ele ficou parado por um momento mas quando ela puxou a cabeça dele para um beijo e se remexeu tentando encontrar mais espaço para ele, ele empurrou os quadris, como um pistão, com força e rápido, para frente e para trás, até que ela gemesse em resposta aos grunhidos dele.

Catarina pensou que não seria capaz de experimentar nada mais poderoso do que seu clímax no carro, mas o corpo hábil dele provocava uma fome muito potente para ser negada, e o seu corpo respondeu ansiosamente à poderosa sensualidade.

Ele mergulhou fundo nela e retirou-se novamente, dentro e